

É quaresma, tempo de aprofundar a reflexão sobre a vida humana e a do cosmos, rever nossas relações com as pessoas, com o Criador, com a natureza. Tempo de intensificar a prática da oração e da caridade. Tempo de conversão, reconciliação e comunhão.

Muitas são as vias e as possibilidades de conversão, reconciliação e comunhão. Muitos são também os significados desses termos. Conversão, no Primeiro Testamento – shub – designa o chamado profético para que o povo de Israel recupere a relação de aliança com Deus. Tem um significado coletivo. No Segundo Testamento significa, sobretudo, abandonar um caminho errado – epistrephein – e pensar de um modo radicalmente novo – metanoein. Tal foi o que aconteceu com os discípulos que seguiram Jesus (Lc 22,32; At 9; 2Cor 3,16; Mc 1,15). Reconciliação, na ótica cristã, é o restabelecimento das relações tendo Cristo como o centro do reencontro com Deus, com os semelhantes, com a criação (2Cor 5, 18-21; Cl 1; Ef 2). O coração da fé cristã testemunha a humanidade reconciliada em Cristo como cumprimento da aliança do Primeiro Testamento. Nesse contexto, a Igreja entende-se a si mesma na medida em que é realidade e sinal de reconciliação. Comunhão significa partilha, compromisso comum. Seu significado espiritual se materializa no ato de assumir um projeto e uma vida comunitária – koinonia. Cristo é o que restabelece a nossa comunhão com Deus (UR 5). A comunhão é a concretude da conversão e da reconciliação.

Conversão, reconciliação e comunhão não significam, em primeira instância, mudar de igreja, de doutrina, de ideologia. Não significam, em primeiro lugar, salvar a própria alma ou entrar em uma nova sociedade. Implicam, antes de tudo, vínculo com o Reino de Deus. Significam sempre uma re-orientação da existência na relação para com Deus e com os semelhantes, simultaneamente. Trata-se de uma “guinada vital” destinada a participar, pela fé, de uma nova realidade que é o autêntico futuro da criação.

Muitos são os modos de se viver o privilegiado tempo litúrgico da Quaresma. No Brasil, a Igreja católica nos propõe, desde a década de 60 do século XX, a Campanha da Fraternidade. Trata-se de um incentivo



para que o processo espiritual de Conversão, reconciliação e comunhão seja vivido de um modo concreto, re-construindo as relações sociais que sustentam a vida fraterna. Trata-se, sobretudo, de construir relações de justiça, de defesa da dignidade humana, de promoção da vida.

Neste ano de 2007, a Igreja oferece-nos a proposta para intensificarmos as relações de fraternidade para com os povos e a realidade sócio-religiosa da Amazônia. Com o tema Fraternidade e Amazônia, os cristãos católicos são convidados a refletirem, orarem e engajarem-se a favor da Vida e missão neste chão – amazonense. As preocupações da Igreja voltam-se ao agravamento das contradições sociais e desigualdades na Amazônia, às frágeis saídas para a crise social instalada, às carências na missão. Ela enfrenta essas preocupações no objetivo geral da Campanha da Fraternidade:

“Conhecer a realidade em que vivem os povos da Amazônia, sua cultura, seus valores e as agressões que sofrem por causa do atual modelo econômico e cultural, e lançar um chamado à conversão, à solidariedade, a um novo estilo de vida e a um projeto de desenvolvimento à luz dos valores humanos e evangélicos, seguindo a prática de Jesus no cuidado com a vida humana, especialmente a dos mais pobres, e com toda a natureza”.

Os objetivos específicos da Campanha da Fraternidade possibilitam concretizar o que é proposto de modo geral, a saber:

1. promover um conhecimento atualizado e crítico da realidade da Amazônia brasileira, dos seus povos tradicionais e das formações urbanas, no que diz respeito à diversidade de sua história, economia e cultura, superando a desinformação, os preconceitos e as falsas interpretações;

2. denunciar situações e ações que agredem a vida, os povos e o ambiente da Amazônia, como os projetos de dominação político-econômica que perpetuam modelos econômicos colonialistas;

3. apoiar e fortalecer iniciativas corajosas de denúncia das causas da violência e de seus responsáveis, que já fizeram correr tanto sangue no chão da Amazônia;

4. promover a solidariedade e a partilha de experiências, saberes, valores e bens, na construção e difusão de alternativas de convivência diante do modelo consumista neoliberal, contribuindo para o fortale-



cimento da identidade, da autonomia e da soberania dos povos e das comunidades da Amazônia;

5. estimular a mudança de mentalidade que se expresse num estilo de vida simples e austero, respeitoso do ambiente e do próximo;

6. apoiar e fortalecer a presença e a ação evangelizadora da Igreja na Amazônia, bem como suas iniciativas missionárias e de solidariedade social;

7. incentivar a participação e o controle da sociedade civil, com critérios de gestão sócio-ambiental, na elaboração e implementação das políticas públicas e projetos locais, regionais, nacionais e internacionais, para o desenvolvimento da Amazônia.

A revista Encontros Teológicos quer, no seu número 46, cooperar para com a reflexão sobre a realidade da Amazônia, seus povos, suas expressões culturais, sua organização social e eclesial. Partilha das alegrias e solidariza-se com as vicissitudes vividas na região. São muitos os desafios a serem enfrentados: a questão antropológica relativa, sobretudo, aos povos indígenas, os que mais sofrem violação de seu ambiente e cultura. O impacto da urbanização, da economia e da cultura globalizadas sobre as populações locais gera migrações, desenraizamento social, cultural e religioso; a questão ambiental, com os grandes rios e florestas imensas sendo depredados pela devastação gananciosa do verde, ameaçando a riquíssima biodiversidade da região e agravando o desequilíbrio do seu complexo e delicado eco-sistema; a questão social, falta de infra-estrutura e de serviços públicos nas novas áreas de povoamento e nas explosivas realidades urbanas, desemprego, violência e degradação dos costumes; a questão religiosa, a Igreja enfrenta sérios desafios para atender às comunidades espalhadas pela região amazonense, seja por falta de recursos materiais e humanos, seja pela necessidade de dialogar com as diferentes expressões religiosas existentes na região.

*Tais questões dizem respeito à Igreja e a sociedade como um todo. A fraternidade se realiza através de parcerias. E a revista Encontros Teológicos quer aqui dar a sua humilde contribuição, oferecendo aos leitores reflexões que contribuem para a compreensão da realidade amazonense. **Ivo Poletto** reflete sobre a Campanha da Fraternidade 2007: a Amazônia como profecia; **Possidônio da Mata**, trata sobre A Igreja e sua missão na Amazônia; **Ricardo Gonçalves Castro** apresenta Os*



*desafios atuais da Amazônia como base para uma Teologia da Criação – ecológica; **Paulo Suess** mostra a situação dos Povos Indígenas na Amazônia Brasileira; **Sebastião Antônio Ferrarini** fala sobre Amazônia, o itinerário da economia: História de saques e violências; **Luís José Dietrich** apresenta Pautas para uma Hermenêutica Ecológica: a Solidariedade abarcando todas as formas de vida; **Luís I. J. Stadelmann, SJ**, trata sobre Criação e Ecologia na Bíblia. Temos, também, os artigos de **Célio Ribeiro**, Pobres, Anjos e Demônios: modelos eclesiológicos no Brasil nos preparativos da 5ª Conferência de Aparecida, de **Rogério Luiz de Souza**, Nos Albores da República Brasileira a Proliferação de uma Rede de Ensino Católica, e de **Vitor Galdino Feller**, Justificativa Teológica para a comemoração do Centenário de criação da diocese de Florianópolis. A presente edição apresenta, ainda, um texto da **Ir. Gertrude Marques, IDP**, Parainfando a turma do 4º ano de Teologia de 2006, Recensões e Crônicas.*